

as ferramentas para a emancipação

ARQUIVO HISTÓRICO-SOCIAL

MUSEU

CONTINENTAL



WANDERER-WERKE A.G. CHEMNITZ



expo virtual @ 2013

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Arquivo & Museu

Esta exposição dá a conhecer ao público alguns artefactos que integram as colecções documentais doadas ao Arquivo Histórico-Social e que foram agrupadas no núcleo Iconográfico e Museológico (Inventário, 1991). Estes objectos museais documentam, prestam testemunho e de alguma forma falam-nos sobre os seus criadores, utilizadores ou usos em determinado contexto. Desafiam desta forma as fronteiras estabelecidas entre arquivo e museu. E porque contêm histórias desta história, foram objeto duma estratégia integrada de descrição no MOSCA:SIA que procura devolver-lhes o seu contexto original.

Prisões de morte em Portugal

Pintura a óleo de Mário de Oliveira, s.d. (c. 1940)

AHS/Espólio Mário de Oliveira

BNP AHS N61 CX 125 002



as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Arte

Encontramos obras de arte nos espólios de J. S. Santos Arranha (7 desenhos), de Mário de Oliveira (5 óleos e 3 aguarelas), de José Augusto de Castro e de Abílio de Oliveira e Sousa (baixos relevos).



Vidas destruídas

Pintura a óleo de Mário de Oliveira, s.d. (c. 1940)

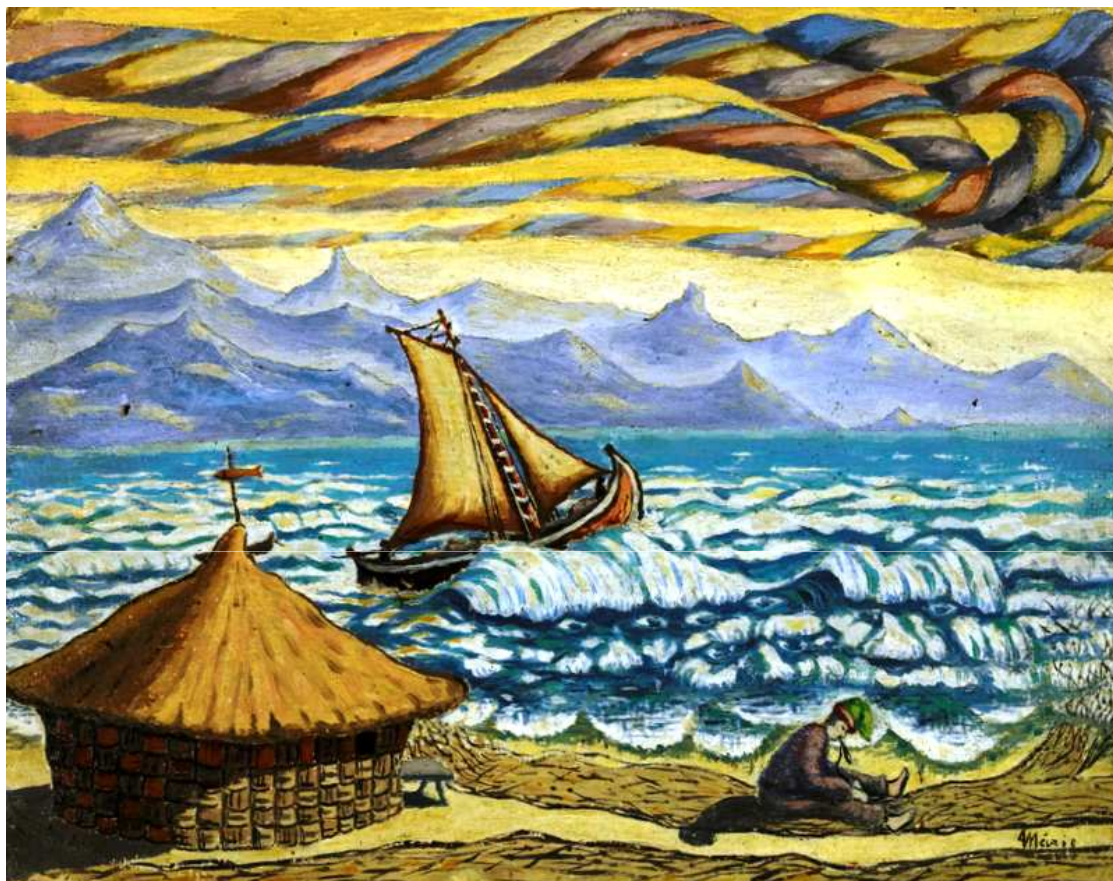
AHS/Espólio Mário de Oliveira (coleção 5 pinturas a óleo)

BNP AHS N61 CX 125 001

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Arte

O espólio de Mário de Oliveira diz-nos muito sobre a forma como ele vivenciou a ditadura salazarista e via o País.



Pescador

Pintura a óleo de Mário de Oliveira, s.d. (c. 1940)

AHS/Espólio Mário de Oliveira (coleção 5 pinturas a óleo)

BNP AHS N61 CX 125 001

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Arte



Casario

Pintura a óleo de Mário de Oliveira, s.d. (c. 1940)

AHS/Espólio Mário de Oliveira (coleção 5 pinturas a óleo)

BNP AHS N61 CX 125 001

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Os símbolos da identidade: bandeiras e faixas

As bandeiras sindicais eram exibidas em público durante as manifestações, marchas, cerimónias comemorativas e em ocasiões solenes.

Os sindicatos únicos aparecem no início dos anos '20 e constituem uma opção estratégica de agregar localmente, por fileira ou sector, vários ofícios distintos.



Bandeira do Sindicato Único dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles no Porto, c. 1920
(BNP Esp. N61 - AHS/ Cx. 121)

Uma das poucas bandeiras sindicais existentes no A.H.S. relativa a um sindicato único do Porto (espólio Manuel Joaquim de Sousa). Sobre um fundo vermelho encontra-se debruado os três instrumentos símbolo dos ofícios que integravam esta organização, sob uma estrela dourada de cinco pontas. Em cima, à esquerda, a marca da sua filiação na C.G.T.

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Os símbolos da identidade: bandeiras e faixas

Depois do 25 de Abril de 1974 algumas destas bandeiras voltaram a ver a luz do dia, aparecendo em manifestações onde participaram antigos militantes anarco-sindicalistas.

**Bandeira do Sindicato Único das
Classes Metalúrgicas de Lisboa, 21-
5-1919. (BNP Esp. N61 - AHS/ Cx.
121)**

Esta bandeira terá sido guardada por
Emídio Santana.



as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Os símbolos da identidade: bandeiras e faixas

A faixa sindical era usada pelo representante do sindicato em ocasiões solenes, marchas, manifestações, etc.

**Faixa da Associação de Classe dos
Empregados Menores do Comércio
e Indústria de Lisboa, c. anos '20 séc.
XX. (BNP Esp. N61 - AHS/ Cx. 121)**



as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Os símbolos da identidade: bandeiras e faixas

Depois de Abril de 1974 os libertários procuraram ainda fazer renascer algumas organizações que vinham do passado. Mas a “longa noite fascista” não tinha sido um parêntese na história. Os actores eram já outros. Os militantes que eram atraídos pelo ideal da anarquia e que a assumiam como referência de vida eram de outro tipo. Isolados e afastados no meio sindical, o perfil social destes militantes mudara.



Bandeira da FARP/FAI
(anos '70, século XX). (BNP Esp. N61
– AHS)

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Os símbolos da identidade: bandeiras e faixas

Depois de Abril de 1974 foram sobretudo máximas pintadas nos muros que marcaram a presença pública dos libertários situados sempre à margem do sistema de poder partidário em disputa.



**Faixa exibida durante o Colóquio
Tecnologia e Liberdade (1987),
promovida pelo Círculo de Estudos
Neno Vasco, 1987. (BNP Esp. N61 –
AHS/DSC_0054)**

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

A propaganda: o cartaz

A propaganda e doutrinação fizeram-se principalmente através da imprensa sindical, da pequena brochura e do livro. Periódicos como **A Greve**, **O Sindicalista**, **a Batalha** e **a Vanguarda Operária** ficaram como referências deste tempo que ainda viu aparecer a telefonia, depois da I GM.



Alto!, cartaz de propaganda de *A Batalha*, s.l.n.d. (papel) (BNP AHS N61 CX 131 AHS6018_01^a)

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

A propaganda: o cartaz

Cartaz alusivo à greve dos tecelões do Porto, em 1902. O trabalho, representado pelo cão mais pequeno, magro e enraivecido, desafia o capital, mais forte, enquanto o Estado (“a ordem”) afasta a pontapés o mais fraco.

A ideia que a solução deste conflito (“a questão social”) só poderia vir dos próprios trabalhadores organizados à margem de influências partidárias e do Estado, e que a ordem social vigente era injusta e insuportável, fez com que muitos saíssem dos centros republicanos e socialistas para abraçar o novo ideal.

A Velha Discórdia, Rafael Bordalo Pinheiro (papel) (BNP AHS N61 CX 131 AHS6018)



as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

A propaganda: o cartaz

Cartaz alusivo à realização de um comício anarquista em 1975 na sede da Voz do Operário, em Lisboa.

O trabalhador fez tudo... , Grupos
Acção Directa e A Ideia cartaz (papel))
(BNP AHS N61 : espólio J Freire)

«O TRABALHADOR FEZ TUDO E TUDO PODE
DESTRUIR PORQUE TUDO PODE REFAZER»

**COMÍCIO
anarquista**

na
VOZ do OPERÁRIO
15 Jan. | Sáb. | 21h

- *ANARCO SINDICALISMO*
- *NÓS E O MILITARISMO*
- *DESOBEDIÊNCIA CIVIL*
- *OS ESTADOS IBÉRICOS E
A REVOLUÇÃO SOCIAL*

responsáveis legais as revistas „Acção Directa.. e „A Ideia..

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

A propaganda: a imprensa

A partir de 1926, com a imposição da censura prévia à imprensa e outras medidas policiais restritivas da liberdade de opinião e sua divulgação escrita, o movimento sindical livre dos trabalhadores, as organizações libertárias e outras de oposição ao regime tiveram de recorrer à impressão clandestina de algumas das suas publicações. A partir de 1933 e até princípios da década de 50 funcionou sempre (com algumas interrupções forçadas) uma tipografia clandestina em diversos pontos da região de Lisboa: nas ruas Damasceno Monteiro e Antero de Quental, à azinhaga do Fidié (Campo Grande), num moinho na Ramada (Odivelas), numa furna de Alcântara, etc. Esta tipografia, utilizando composição manual, em componedor, e impressora por vezes com rolos em madeira (por causa do ruído), chegou a imprimir jornais a duas cores com uma mancha gráfica razoável; em circunstâncias mais difíceis, utilizavam-se copiográficos a cera, manuais, fabricados em madeira. Esta tipografia clandestina ocupava-se da produção de jornais, panfletos propagandísticos e alguns papéis internos para as três estruturas organizacionais existentes: a sindical (da CGT), a anarquista (FARP, nos anos 30) e a da Juventudes Libertárias (anos 30 e 40). Nos anos 70, a cooperativa Editora Sementeira montou uma pequena tipografia, a off-set, na Costa do Castelo, em Lisboa, operada por militantes, e teve uma foto-composição a trabalhar em regime semi-profissional, na zona da Ajuda.



Máquina de escrever alemã marca Continental) (BNP AHS N61 CX 128)

A partir dos anos '20 do século XX, com a entrada do movimento na clandestinidade, a máquina de escrever torna-se um instrumento fundamental para fazer a circular informação das organizações ilegalizadas. O ciclostilo é usado para fazer circular a informação em papel.

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

A propaganda: a imprensa

Materiais usados por grupos durante a clandestinidade para informação e propaganda (da direita para a esquerda):

- copiógrafo manual, construído em madeira por militantes, utilizando técnicas de serigrafia;
- estilete extra-fino de marca inglesa Gestetner;
- peças de ferro para prelo de impressão tipográfica;
- rolos de impressão manual e luvas



as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

A organização

Parte do espólio das organizações é constituído por documentação administrativa. Algumas ferramentas burocráticas usadas na autenticação da proveniência desses documentos encontram-se também no AHS.



Selo branco do Sindicato da Construção Civil de Lisboa (anos '20) BNP N61 AHS Cx. 119

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

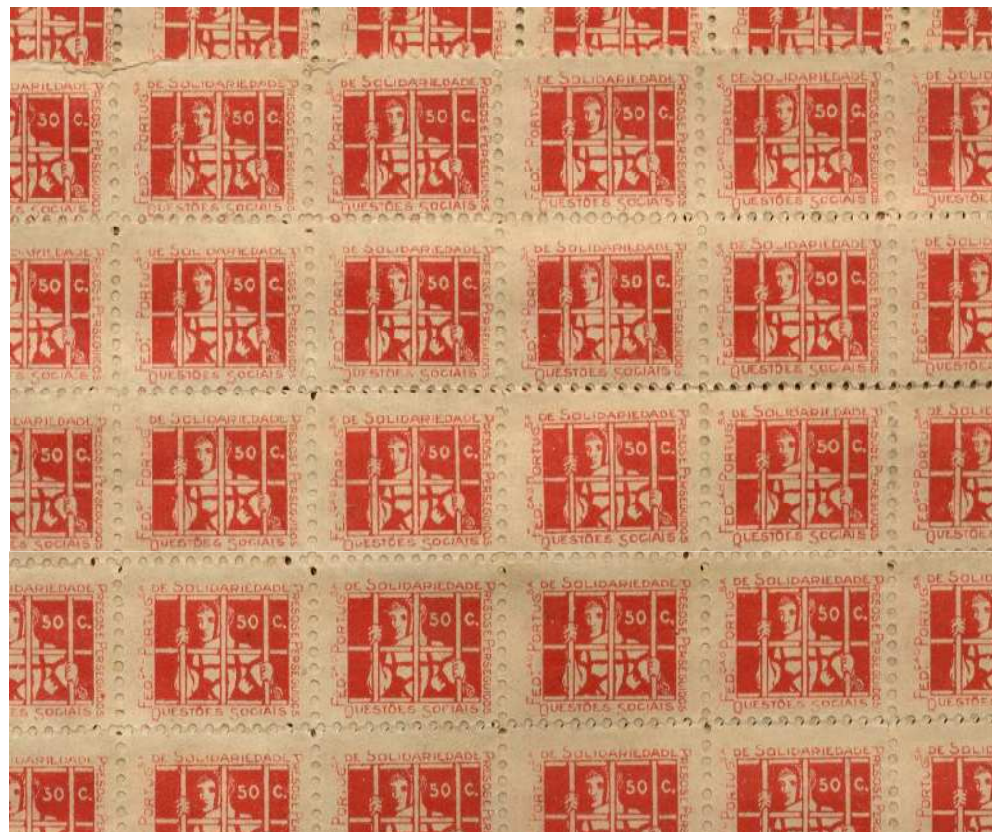
A organização



Carimbos manuais usados por diversas organizações (BNP N61 AHS Cx. 115)

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

A organização



Federação Portuguesa de Solidariedade para com os Presos Sociais: Selos (BNP N61 AHS Cx. 110)

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

O trabalho: ofício e arte

O amor pelo seu ofício conduzia ao desejo de viver numa sociedade onde o trabalho fosse humanizado, dignificado e um dever de todos.



Nível de bolha de carpinteiro civil proveniente do espólio de José Augusto de Castro (BNP N61 AHS

Cx. 113)

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

O trabalho: ofício e arte



Faca de corticeiro e bainha em cortiça.

Espoólio José dos Reis Sequeira

(BNP N61 AHS Cx. 113)

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Fotografia & memória

O uso da fotografia de reportagem jornalística começou a ser usada n' *A Batalha* já no início dos anos '20 mas o seu uso estava limitado pelos custos que envolvia.

Mais frequentemente, a fotografia foi usada para fixar numa imagem acontecimentos que importava registar, sendo as cópias distribuídas às organizações intervenientes. Importa destacar, a este respeito, as imagens de grupos e de eventos excepcionais como a prisão e a deportação.



Máquina Fotográfica Vest Poket Kodak, 1927
Espólio José Joaquim da Graça
(BNP N61 AHS Cx. 119).

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Fotografia & memória

Delegados sindicais ao Congresso dos Operários Gráficos (1925) – foto de grupo



Congresso Gráfico, Santarém, 20-21-22-1925
Foto Sequeira, Santarém. Foto de estúdio.
Foto P&B 12 x 17 cm
(colagem sobre cartão 18 x 24 cm)
(BNP N61 AHS Cx117 0140).

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

A questão sexual

Na viragem dos séculos XIX para XX a “questão da população” tem um impacto social significativo nas atitudes e orientações de grandes instituições (como a Igreja Católica), na legislação estatal, na restrita esfera da ciência e mesmo na opinião pública, publicada e discutida. O movimento “neomalthusiano”, muito articulado com o movimento social do operariado e com as preocupações socialistas e pacifistas (mas fazendo essencialmente apelo à responsabilidade individual), provindo sobretudo de Inglaterra, França e Holanda, irrompe então com sucesso, utilizando modos de acção inovadores nos países em vias de industrialização onde a “questão social” (grandes massas de trabalhadores, pobres e desqualificados, concentrados nos subúrbios urbanos) se coloca com premência. Na primeira metade do século XX, este movimento teve existência em Portugal, com uma primeira vaga vizinha da implantação da República, a que se seguiu uma reacção agudizada pelas condições do pós-guerra, e com uma segunda onda mais ténue, nas difíceis condições dos anos 30 e 40, já marcada pelas manifestações do *birth control* americano (e as sensibilidades do individualismo contemporâneo), de onde se originaram as posteriores iniciativas do “planeamento familiar”.



Pessários anti-conceptivos.

Espoólio José Joaquim da Graça

(BNP N61 AHS Cx. 119)

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Armas

Nos anos 20 e 30 do século XX, o militantismo anarco-sindicalista, fortemente perseguido pelas autoridades repressivas do Estado, recorreu ao uso de meios de acção violentos, quer de autodefesa, quer mesmo de ataque a personalidades julgadas responsáveis por situação de grave iniquidade social, para além da tentativa de organizar acções de insurreição armada que eram comuns a várias outras correntes políticas na época.



Em cima, no sentido dos ponteiros do relógio: revólver de bolso que terá pertencido a José da Silva Santos Arranha; pistola alemã Parabellum, de calibre 9 mm, recebida de Espanha durante o período da guerra civil de 1936-39 e guardada por José Joaquim da Graça; revólver americano Smith & Wesson, guardada por José Joaquim da Graça; pistola automática russa de marca não identificada recebida de Espanha durante o período da guerra civil de 1936-39, que terá sido usada por Moisés da Silva Ramos e foi guardada por José Joaquim da Graça (BNP N61 AHS Cx. 114).

as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Armas

Pinha de ferro fundido, decorativa de varandas e usada na construção civil, que foi por vezes empregue como bomba explosiva, segundo indicações dadas por Acácio Tomás de Aquino. (BNP N61 AHS Cx. 114).



Pistola belga FN, de calibre 6,35 mm, guardada por José Joaquim da Graça (BNP N61 AHS Cx. 114).

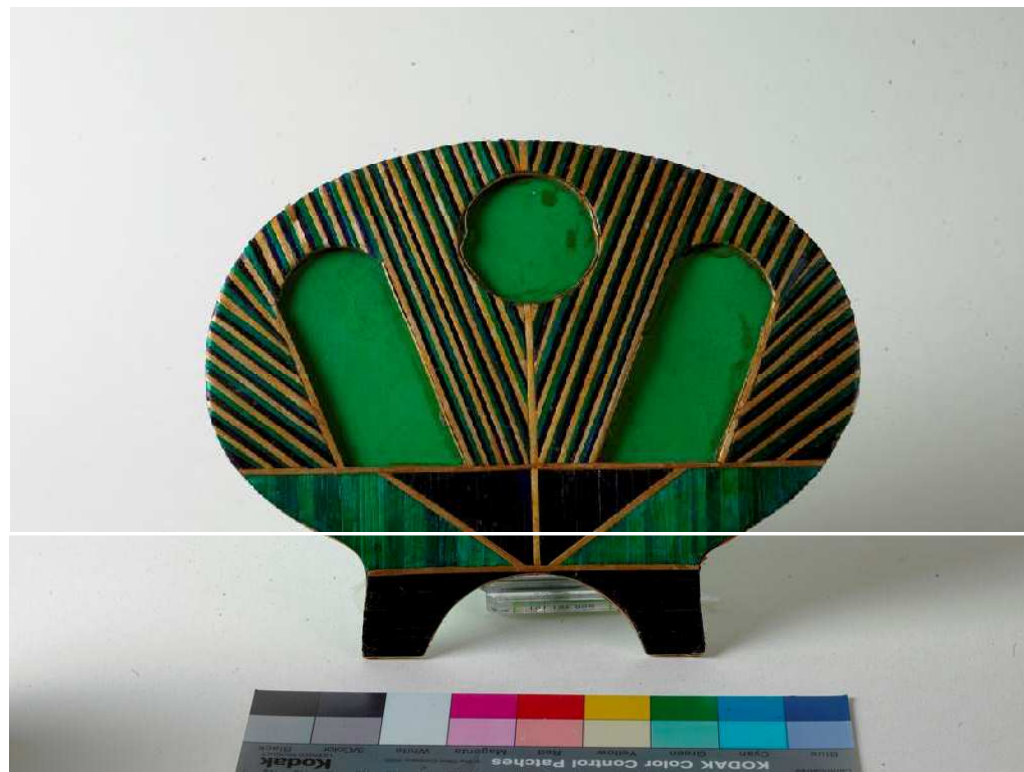


as ferramentas para a emancipação: exposição virtual

Artefactos

Moldura para fotografias de família feita por Mário Castelhana durante a sua prisão em Angra do Heroísmo

Oferta da Dra. Ana Maria Castelhana (2004)



Moldura artesanal
Espólio Mário Castelhana
Ca. 1935 (BNP N61 AHS Cx. 144).

as ferramentas para a emancipação

ARQUIVO HISTÓRICO+SOCIAL

MUSEU

CONTINENTAL

Concepção, organização e seleção de materiais:

Paulo Guimarães

Textos: Paulo Guimarães, João Freire

Fotografia: Danilo Guimarães

Edição: web: Magdalena Popova

WANDERER-WERKE A.G. CHEMNITZ

expo virtual @ 2013